

O VALOR DO ÓDIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

A coletânea a seguir suscita reflexões sobre o sentimento de ódio presente no mundo contemporâneo. Manifestando-se de diferentes formas nas esferas individual e coletiva, esse sentimento se torna um entrave para o diálogo e a convivência entre as pessoas, contrariando princípios democráticos. Além disso, parece ser uma cultura que favorece a lógica da competitividade da qual fazemos parte, atendendo a interesses específicos e sendo incentivada de diversos modos, ainda que as pessoas não percebam. Procure pensar em algumas dessas formas de incentivo ao ódio presentes em seu cotidiano, nos hábitos de consumo ou nas interações sociais e associe-as aos textos para desenvolver a proposta de redação.

TEXTO 1

Berço de pedra

O ódio fica mais jovem a cada dia.

NEWTON, Moreno. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4123371/mod_resource/content/2/40%20microcontos%202017%20-%20divisa%CC%83o%20por%20grupos.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

TEXTO 2

JOÃO
ODIAVA



MARIA QUE
ODIAVA



TERESA QUE
ODIAVA



JOAQUIM QUE
ODIAVA



RAIMUNDO QUE
ODIAVA



LILI QUE NÃO ODIAVA
NINGUÉM, POIS NÃO
TINHA CONTA NO
FACEBOOK!



DUKE

Disponível em: <www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-24-10-2016-1.1389969>. Acesso em: 24 fev. 2021.

TEXTO 3

O que é discurso de ódio?

[...] O discurso de ódio, como limite da liberdade de expressão, diz respeito a um discurso muito específico e tem três características principais: a primeira delas é que ele é um discurso de conteúdo discriminatório; a segunda delas é que é um discurso que se dirige a um grupo de pessoas no geral; e a terceira delas é que é um discurso que é proferido no debate público de ideias. [...]

GROSS, Clarissa. "O que é discurso de ódio?".

Disponível em <<https://pp.nexojornal.com.br/pergunta-a-um-pesquisador/2020/11/02/Clarissa-Gross-o-que-%C3%A9-discurso-de-%C3%B3dio>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

TEXTO 4

A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital

[...] Na versão moderna do autoritarismo – em que governantes não rasgam a Constituição nem dão golpes de Estado clássicos, mas corroem as instituições por dentro –, não é necessário censurar a internet. Nas democracias “liberais”, segundo o vernáculo do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán, basta inundar as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade – e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais. [...]

Uma vez “impulsionada”, a narrativa é então propagada naturalmente pelas redes orgânicas, que são as pessoas de carne e osso que acreditam naquilo que está sendo veiculado. Os estadunidenses chamam isso de firehosing, derivado de fire hose, mangueira de incêndio – trata-se da disseminação de uma informação, que pode ser mentirosa, em um fluxo constante, repetitivo, rápido e em larga escala. As pessoas são bombardeadas de todos os lados por uma notícia – site de notícias, grupos de WhatsApp, Facebook, Instagram – e essa repetição lhes confere a sensação de familiaridade com determinada mensagem. A familiaridade, por sua vez, leva o sujeito a aceitar certos conteúdos como verdadeiros. Muitas vezes, esse será o primeiro contato que ele terá com determinada notícia – e essa primeira impressão é muito difícil de desfazer. [...]

MELLO, Patrícia Campos. “A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital”. São Paulo: Companhia das Letras. 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BjbrDwAAQBAJ&pg=PT14&pg=PT14&dq=Na+vers%C3%A3o+moderna+do+autoritarismo+%E2%80%93+em+que+governantes+n%C3%A3o+rasgam+a+Constitui%C3%A7%C3%A3o+nem+d%C3%A3o+golpes+de+Estado+cl%C3%A1ssicos&source=bl&ots=3HLenxNCyD&sig=ACfU3U1HOeibkS4_a_dpl7wRwFUmfResyA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjRzveWYpVhXG1bkGHwGDIQ6AEwAXoECAIQAw#v=onepage&q=Na%20vers%C3%A3o%20moderna%20do%20autoritarismo%20%E2%80%93%20em%20que%20governantes%20n%C3%A3o%20rasgam%20a%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20nem%20d%C3%A3o%20golpes%20de%20Estado%20cl%C3%A1ssicos&f=false>. Acesso em: 24 fev. 2021.

(Adapt.).

TEXTO 5

Quem tem medo do cancelamento?

[...] A cultura do cancelamento aprofunda e radicaliza a prática da lacração, entendida como pronunciamento contundente e definitivo que tende a silenciar o outro. Por exemplo, “você lacrou muito naquele discurso” quer dizer que a pessoa fez um discurso muito bom, que não pode ser refutado ou é uma maneira irônica de indicar um texto muito grande ou um argumento excessivo. Já “cancelar” é um verbo usado para suspensão de um serviço, curso ou dispositivo. Isso sugere que estamos diante não só da supressão da fala do outro, mas da redução dele a uma coisa ou objeto.

Cancelamentos individuais podem não afetar muito os “cancelados”, porque, muitas vezes, para obter maior frequência de engajamento em A, é preciso estar disposto a perder o engajamento em B; outras vezes, o poder de engajamento em A é inteiramente dependente da posição anti-B. Mas essa prática destrói reputações e cria mecanismos de extorsão social que provocam cada vez mais medo e hesitação, reduzindo a participação ativa em diálogos e debates. Opiniões de gosto e declarações de preferência podem levar alguém a ser cancelado “por associação”, indicando que estamos em progressão para uma situação de condominização social da vida digital, com progressiva exclusão do que nos contraria e das diferenças que não conseguimos tramitar ou mediar psiquicamente.

Tudo indica que há um prazer específico no cancelamento, por isso ele funciona melhor, como prática psíquica, contra pessoas com quem podemos nos identificar. Mas o que significa exatamente se identificar? Há várias acepções para isso na psicanálise e na teoria social, porém, para os propósitos do cancelamento, identificar-se é incluir-se na mesma categoria do outro, em função de um traço de afinidade. Cancelar, seria, nesse sentido, se desidentificar? Sim e não, porque a identificação em espelho, baseada no ódio ou na rivalidade concorrencial, é ainda assim um tipo de identificação. O oposto da identificação – assim como o do amor – não é o ódio, mas a indiferença. A cultura do cancelamento pode ser compreendida como parte da luta entre as pessoas por um tipo de reconhecimento. [...]

DUNKER, Christian. “Quem tem medo do cancelamento?”. Gama, 26 jul. 2020. Disponível em: <<https://gamarevista.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/>>.

Acesso em: 24 fev. 2021.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Tomando como base a leitura e a análise dos textos bem como o seu repertório prévio, redija uma **dissertação-argumentativa** defendendo um ponto de vista sobre o tema **O valor do ódio na sociedade contemporânea**. Lembre-se de planejá-la com cautela, delimitando e sustentando um ponto de vista claro por meio de raciocínios lógicos consistentes e exemplos a eles conectados, com coesão e coerência. Além disso, cumpra os seguintes critérios:

- dê um título ao texto;
- evite excesso de paráfrases ou cópia de trechos da coletânea para não zerar a sua redação;
- respeite o mínimo de 24 e o máximo de 30 linhas.

Boa produção!
 Professora Andressa Tiossi